

JEAN PHILIPPE & PATRICK FORT

ZINEDINE ZIDANE
uma biografia

Prefácio
Franck Ribéry

Tradução
Valter Lellis

Sá 
editora

PREFÁCIO

Jogar com Zidane? É o que eu fazia todos os dias quando era adolescente. Eu jogava com ele... mas não pra valer; era apenas um joguinho entre amigos. Às vezes, eu me imaginava no lugar dele, o jogador que fez a França ganhar a Copa do Mundo. Um gênio!

No dia 12 de julho de 1998, quando ele marcou seus dois tentos na final contra o Brasil, eu estava em Boulogne-sur-Mer. Depois, com meus amigos, fui para a rua festejar. Como todo mundo, eu gritava: “Avante, França! Avante, Zizou!” Eu tinha 15 anos e nem mesmo imaginava, nessa época, que oito anos mais tarde estaria ao lado dele em Berlim na partida entre França e Itália.

Pois eu vivi uma espécie de sonho. Disputei uma final de Copa do Mundo com ele. E até graças a ele, de uma certa forma. Como um irmão mais velho, ele me deu conselhos durante todo o Mundial, me ajudou e incentivou. Fez com que eu sentisse confiança. “Continue assim, jogue o seu jogo, não se esforce demais”, ele me dizia: havia uma cumplicidade entre nós. Eu cheguei mesmo a substituí-lo, quando de minha segunda partida contra a Dinamarca... Que honra! E que responsabilidade! Zidane é impressionante. Além disso, é alguém que eu sempre admirei.

Depois de seu triunfo contra a Espanha numa oitava-de-final, eu o abracei com força. Eu estava contente por ele, por sua mulher e seus filhos, e por toda a sua família, que presenciava suas últimas partidas, enquanto a minha assistia aos meus primeiros embates com a camisa da seleção francesa. Jogar com ele era extraordinário. Contra o Brasil, por exemplo, eu estava ao lado dele em campo.

Era demais. Muito mais impressionante que pela televisão. É claro que eu, mais do que ninguém, gostaria que ele tivesse um fim de carreira diferente. Que ele erguesse a taça mais uma vez.

Espero ter uma carreira como a de Zizou*. Mas, aconteça o que acontecer, já terei tido o privilégio de jogar com ele... pra valer.

Para mim, e também para o público, hoje só restam lembranças. Mas as boas lembranças também ajudam a viver. E as que Zinedine Zidane deixou são imensas. Se um dia eu também ganhar a Copa do Mundo, é nele que pensarei ao erguer o mais belo dos troféus. Nele, meu irmão mais velho do Mundial de 2006.

Franck Ribéry

*Apelido popular de Zidane na França. Pronuncia-se “Zizú”. (N. do T.)

INTRODUÇÃO

UMA NOVA IMAGEM DA VIRILIDADE

Ele é apenas humano: essa frase, explicação ou desculpa foi frequentemente empregada depois do gesto, sobejamente comentado, que pôs termo à *vida*, como futebolista profissional, de Zinedine Zidane.

O fim de carreira anunciado, esperado, confirmou seu destino. Sua aura e sua notoriedade resumem uma época: o fim do século XX e o início do XXI. Um mundo em que o futebol se transformou em paixão para seus habitantes, por vezes onipresente e, a cada quatro anos, quase uma invasora.

Na França, acreditou-se que sua “cabeçada vitoriosa” do Mundial de 1998 fez bem mais que levantar o moral dos apaixonados pelo esporte bretão. Em todo o planeta, sua “cabeçada vingadora” do Mundial de 2006 abriu nem mais nem menos que um debate sobre Justiça.

Ele é culpado? Será que temos o direito de culpar o que revida poupando o que agride? Até onde vai o poder da imagem? A que excessos pode levar a falta de sensibilidade dos árbitros que não discernem as represálias filmadas da agressão inaudível?

Em vez de ser absolvido, Zizou quase teve sua indicação como melhor jogador da Copa do Mundo anulada — depois de ter sido objeto de uma condenação planetária e quase unânime, por parte dos que se desejam ou crêem porta-vozes de milhões de pessoas. Uma condenação que, em seguida, foi bastante atenuada.

Em 2007, um ano depois de ter parado de competir, Zizou continuava a ser a personalidade mais popular da França.

Até em suas explicações ele permanece humano. Tendo assumido seu gesto, explicou-se com simplicidade: “*como uma reação à injustiça*”.

Ele é um homem, na acepção humana e frágil do termo, com suas forças e suas fraquezas, compartilhadas por muitos de seus semelhantes. É também um homem no sentido masculino do termo. Um homem com uma rara imagem da virilidade, que não abusa de seu físico imponente, sem, por outro lado, cair na preciosidade estética, permanecendo elegante, consciente ou inconscientemente.

“É surpreendente para um homem: ele se senta de maneira muito suave, muito delicada”, comentava em março de 2006, em Madri, a fotógrafa cinematográfica do documentário *Uma equipe de sonho*. Uma inesperada delicadeza, já revelada, com surpresa, por um jornalista do diário britânico *The Guardian*, em abril de 2004.

Um grande esportista só é reconhecido por suas vitórias, mesmo quando se é um jogador de futebol dependendo também dos desempenhos dos colegas de equipe. São os títulos e as vitórias de Zinedine Zidane que fazem dele um futebolista lendário, e não apenas um brilhante artista da bola.

Ele possui uma vida pública marcada por uma constante preocupação com a retidão, e é esse aspecto de sua carreira que nos parece valer a pena enfatizar: até sua última partida, ele soube mostrar que o futebol, mesmo quando se torna uma profissão exigente e um esporte duro, também é, e assim deve continuar, um jogo. Um jogo a ser praticado com seriedade, para dar prazer ao público.

A exemplaridade do jogador foi, nesse sentido, capital, por se contrapor aos excessos permanentes de um sistema esportivo em que, pretensamente, “só o resultado importa”. Fora do campo, a imagem de Zizou que ficará não é menos importante, e permitirá que não se confunda a gentileza ou a doçura com a fraqueza. O elegante Zinedine Yazid Zidane exprimiu sua virilidade com muito menos frequência nas reações físicas pontuais que em um comportamento moral constante. É esse o homem cuja lembrança, se seu legado for valorizado, poderá melhorar os hábitos esportivos. É esse o herói do esporte cuja história, narrada no seio da nossa sociedade contemporânea, se transformou quase numa lenda.

Para além dos ritos religiosos e das pulsações guerreiras que o futebol permite transferir, de maneira evidente, a simplicidade do jogo, a beleza do esporte, o respeito e até mesmo a amizade dedicada a certos adversários foram elevados ao mais alto nível por Zinedine Zidane. Que ele possa servir de referência a todos que, como ele vinte anos antes de sua última partida oficial, investem na glória sem se dar conta disso. Com a cabeça baixa — ou nas estrelas.

BOLA NO PÉ

Ele se abaixou! A bola veio em sua direção, e ele se abaixou. No entanto, uma jogada de cabeça pode ser útil! Ele vai precisar ensaiá-la com afinco. Um começo engraçado...

Cannes, bairro de La Bocca, 1987, estádio Maurice Chavalier. Jean Varraud está perplexo. Aparentemente, o recém-chegado tem aversão pelas jogadas de cabeça. Zidane prefere o verdadeiro futebol — “bola no pé”, de acordo com a tradução literal do inglês.

Sua altura, bem mais elevada que a média, às vezes obrigou os dirigentes a mostrar sua identidade aos adversários, a fim de provar que sua data de nascimento correspondia à categoria etária na qual ele evoluía. Zinedine gosta de ser alto; ele prefere o jogo no chão, o estético e a elegância dos movimentos das pernas. Os moradores de Cannes também, que gostam de dar nomes nobres a seus espaços para a prática de esportes. O do estádio de La Bocca faz sonhar com o *music-hall*, com os aplausos e a alegria da comunicação. Chevalier, o homem do chapéu de palha, que encarnava, em meados do século XX, uma França despreocupada e parisiense, morou no bairro de La Bocca, em Cannes, nas encostas do local onde se construiu, não muito longe do Pierre-de-Coubertin, o estádio que recebeu seu nome.

Nos gramados, os belos símbolos de Chevalier ou de Coubertin não podem, contudo, dispensar as exigências do jogo, algumas delas pouco apreciadas pelos elegantes. É o caso do escanteio — *corner*, em inglês. No futebol de rua, o escanteio é abominado. No campo oficial, quando esse lance é aéreo — o que

ocorre com freqüência —, seu desvio de cabeça é obrigatório. Mas na rua se joga com o cérebro, e não com a cabeça, que serve para pensar, e não para jogar bola. Essa é a análise que faz Jean Varraud ao assistir ao jogo-treino, sentado atrás do alambrado do terceiro campo do estádio.

A bola se eleva no ar e chega à altura de Zidane... que se abaixa. Refratário às jogadas de cabeça, ele não ousou interromper a trajetória da bola. Preferiu, de maneira proposital, deixá-la passar a interceptá-la — como seria normal! Este reflexo provém do futebol de rua, dos campos da orientação que, apesar de seus treinos na Associação Esportiva de Foresta, na União Esportiva de Saint-Remi e, depois, nos Esportes Olímpicos de Septèmes-les-Vallons, ainda moldam a personalidade futebolística de Zinedine Zidane.

Varraud já localizou um ponto fraco, que deve ser trabalhado de maneira imperativa: os golpes de cabeça; mas nada que comprometa o potencial desse jogador. E tampouco sua contratação. Desde que chegou, ele já seduziu seus colegas de clube, estupefatos com seu talento. Como é possível que nenhum olheiro de clube o tenha descoberto? É o que se pergunta Jean Varraud, o primeiro a perceber o talento de Zidane. Ele esquece que não o fez dois anos e meio antes; mas foi por um bom motivo.

La Bocca, 1984. A alguns dias do início do semestre letivo, já começa a convocação dos jovens jogadores. O décimo torneio de juniores* organizado pela Associação Esportiva de Cannes acontece no estádio Maurice-Chevalier. Seis seleções, entre as quais a do clube local, participam da Copa Claude-Roux, nome de um presidente de torcida do Cannes. Esses jovens participantes provêm da Provença, do Var, dos Alpes, da Côte d'Azur e da região de Rhône-Durance.

Os da Provença chegam no sábado, véspera do torneio. Um deles, Gilles Boix, sente uma ligeira contusão que sofreu durante os treinamentos. No dia seguinte, seus pais chegarão para vê-lo jogar. Enquanto ele se aquece, antes da partida contra o time da Côte d'Azur, seu pai constata que ele não está bem. Gilles contrai o rosto. Ele sente dor. Cada vez mais. Mas tenciona jogar. Seu pai o proíbe; antes, quer levá-lo a um médico. Varraud se dispõe a levá-los de carro à Clínica das Mimosas, que fica bem perto e onde ele tem conhecidos. Proposta aceita. De mau-grado, por insistência do pai, Gilles deve renunciar ao jogo. Ele é substituído pelo jogador com a camisa 13.

* Na França, o *tournoi minime* (que traduzimos por torneio de juniores) inclui jogadores de 13 a 15 anos. (N. do T.)

A partida começa. Jean sai do estádio. A bordo de seu velho Citroën LN, ele leva o pai e o filho à clínica. O diagnóstico é grave: punho quebrado. De volta ao Chevalier, a partida já terminou. O recrutador perdeu a oportunidade de observar jovens futuros craques. Mas ganhou um amigo, Fernand Boix, que lhe ficou grato por sua ajuda simpática e espontânea.

Dois anos e três meses depois, no Centro Regional de Educação Física e Esportiva de Aix-en-Provence, durante o recesso escolar de Natal, um estágio reúne trinta jovens jogadores da Liga do Mediterrâneo. Seu objetivo: fazer uma seleção de dezoito deles para que participem de uma peneira na primavera seguinte.

Os dois primeiros dias são dedicados a testes. No terceiro, uma partida entre duas equipes compostas de estagiários. Jean Varraud fizera planos de assisti-la para observar um centroavante promissor: Fabrice Monachino. Mas ele não foi selecionado.

Mesmo assim, Jean decidiu pôr-se a caminho em seu Citroën LN. Boix, dirigente do Septèmes, também veio. Os dois se reencontram com prazer. E assistem à partida lado a lado.

Varraud se informa sobre o jogador que substituiu Monachino. Fernand o conhece bem, pois ele faz parte de seu clube. O treinador dos garotos, Robert Centenero, o havia indicado ao presidente Roger de Plano. Eles ofereceram a esse garoto promissor, que evoluía em Saint-Henri, um outro ambiente, em que ele poderia desabrochar os dons desenvolvidos na praça Tartane: um longo retângulo de betume que o interessado, sob o olhar vigilante e atento da família, sempre deixava o mais tarde possível, depois que todos os seus colegas haviam partido. Ainda lhe falta sentir-se à vontade na terra batida e no gramado.

— Foi ele que substituiu o meu filho em Cannes. Zidane. O senhor não se lembra? O número 13!

Sim, é isso mesmo; agora Jean Varraud se lembra vagamente. Uma silhueta vista de relance... Quem quer que seja, ele não se arrepende de ter vindo. Nota que o garoto tem evoluído para posições incomuns para ele — pontas-esquerda durante os primeiros quinze minutos, líbero nos últimos quinze —, este garoto de camiseta branca, que joga duas das três partidas do encontro, seduziu-o de imediato. Sua maneira de tocar a bola e sua visão do jogo são fora do comum. Seus gestos têm sutileza e classe. Varraud quer saber tudo sobre ele.

Zidane. Mesmo em Marselha, este nome ainda é pouco conhecido. Com exceção do 16^o *arrondissement**, no bairro de La Castellane, nos clubes Saint-Henri e Septèmes, com os quais Zidane jogou suas primeiras partidas oficiais. Com campos bem delimitados, árbitros e uniformes regulamentares. Depois do torneio de Cannes, ele cresceu. E progrediu. Está com 14 anos e já é dono de uma grande sutileza técnica. Mas nenhum recrutador ainda se interessou por ele. E, durante os raros estágios ou partidas seletivas de que participou, sua atuação não foi das mais notáveis.

Por ocasião do torneio de Roux, depois de ter jogado contra o Azure como lateral ofensivo, ele se revezou como lateral direito e esquerdo em todas as partidas seguintes, que se encerraram com um empate em 1 x 1 diante do Rhône-Durance e, em seguida, para a obtenção do troféu, com uma vitória arrasadora sobre o AS Cannes: 7 x 1!

Depois desse torneio, Zidane ainda não faz parte dos titulares incontestáveis do selecionador provençal. Segundo a orientação desse selecionador, dez dos onze postos da equipe estão selecionados, mas ele ainda se mostra hesitante quanto à escolha do décimo primeiro, o lateral que possa jogar na esquerda ou na direita — o número 8. Outro jogador do Septèmes, Gilles Manno, concorre com Zidane e se beneficia de uma ligeira preferência. Depois desse torneio, Zinedine foi julgado “um pouco decepcionante, em vista de suas qualidades”. Ele jogou um pouco apagado. Mas deve melhorar, pois possui os meios para isso: técnica, visão de jogo...”

Seus “meios” já foram detectados por Robert Signore, o treinador do juvenil de Saint-Henri. Entrevistado pela revista *Lê SeptéMois*, em julho de 1998, Robert Centenero, o homem que contratou Yazid para o SO Septèmes, mencionou sua lembrança de “uma personalidade mais forte que a da maioria de seus companheiros”.

Esse comentário confirma o caráter do garoto já famoso que jogava bola na praça Tartane. Ela traduz um aspecto bem pouco notado de sua personalidade de adolescente: esse rapaz aparentemente tímido é um conquistador.

Antes do estágio de Natal em Creps, ele já havia sido convocado para o time Aix, em 17 de outubro e 7 de novembro de 1986, e para o de Puyricard, em 31 de outubro, mas só participou de uma das quatro partidas interdistritais. Ficou ausente, em 14 de novembro, do time em Carpentras, contra o de Rhône-

* Em Paris, Lyon e Marselha, o “arrondissement” (distrito) é uma subdivisão do município, contando com seu próprio presidente da Câmara Municipal. (N. do T.)

Durance; em 28 de novembro, do time de Oraison contra o dos Alpes; e, em 12 de dezembro, do time de Aix contra o da Cote d'Azur; ele só jogou no estádio marselhês do Huveaune, contra o time de Var, mas foi substituído durante a partida por Manno.

Episódicas em seleções departamentais, suas aparições inexistem no escalão superior, a seleção da Liga do Mediterrâneo. Durante dois anos, ele ficou limitado ao primeiro escalão, o dos intersetoriais, até participar de um estágio em Pennes-Mirabeau.

No campo, ele não chama a atenção. Fora do campo, é de uma excessiva timidez. O coordenador de estágios em Alpes-de-Haute-Provence, em Volx, se recorda desse traço de personalidade, simbolizado pela imagem de um garoto pouco expansivo, encolhido em seu K-Way*. Contudo, nele estava dormente um domínio da bola e uma desenvoltura de jogo excepcionais, que foram confirmados subjetivamente por uma série de observações ao longo de várias partidas. Por ocasião da Operação Guérin — estágio de detecção de talentos assim denominado em homenagem a Henri Guérin, antigo selecionador nacional —, Zinedine, então em seu segundo ano como estagiário, obtém as melhores notas nos exercícios técnicos. Maurice Roche, responsável pelo estágio, observa sua arte do domínio da bola e seu comportamento durante as diferentes fases do jogo.

Mas nesse garoto cujas demonstrações de gênio são tão brilhantes quanto intermitentes, nenhuma ambição se manifesta. Ainda não. Seus pais, cuja renda é modesta, até fazem sacrifícios para inscrevê-lo em estágios pagos.

No universo de um esporte cada vez mais comercializado, se não mercantilista, os recrutadores estão sempre prontos a não deixar escapar o menor vislumbre promissor, a menor esperança de lucro rápido. No caso de Zidane, eles não viram nada. O que deixa Jean Varraud intrigado.

O que se pode desaprovar nesse garoto? Sua fragilidade física? (a disfunção genética da qual padece, uma anemia denominada talassemia que provoca cansaço freqüente só se manifestará 15 anos depois). Ele vai ter tempo para incrementar sua musculatura. Sua inconstância? Na idade dele, esse é um defeito banal que, de certa forma, pode até ser visto como positivo. Um adolescente com uma produção que já se mostra regular, evoluindo em ritmo acelerado, não estará sendo usado depressa demais? Além disso, o molde da competição é de-

* Modelo impermeável criado pelo francês Léon Claude Duhamel em 1965. Sua intenção era produzir um abrigo leve que pudesse ser usado de maneira prática em dias de chuva. (N. do T.)

formador. Ele transforma o divertimento em esporte. Despoja da paixão ou, pelo menos, acaba por transformá-la, de maneira que o prazer do jogo é rapidamente substituído pela obsessão da vitória. Por ora, Zinedine apresenta sinais evidentes da paixão pelo futebol, além de possuir as qualidades fundamentais para esse esporte. Isso é o bastante para dar vontade ao recrutador de lhe propor um estágio em La Bocca, antes de uma eventual contratação.

Varraud deseja revê-lo o mais breve possível, embora seus pares não estejam interessados. Melhor para ele, que atravessa o campo do Creps para falar com os dirigentes do Septèmes. Ele exprime seu desejo de levar seu jogador a Cannes para um estágio experimental de uma semana, que pode resultar em uma contratação.

A resposta é favorável e acompanhada de um conselho:

— Se o senhor deseja levá-lo, leve-o imediatamente!

A mensagem foi bem captada. Nenhum outro clube cobiça o adolescente de La Castellane — aos dirigentes do Cannes cabe serem suficientemente discretos para não alertar ninguém. Mas eles precisam agir. O tempo que passa, a ausência de bons resultados escolares, a perspectiva incerta de evoluir no mundo do futebol... e o ambiente do bairro tornam penoso um período delicado para esse garoto que logo fará 15 anos. Por uma lado, ele está exposto às agressividades dos adversários, com frequência confundidos por sua facilidade no manejo da bola; por outro, também está exposto aos maus exemplos capazes de perturbar sua adolescência. Felizmente, existe a família. Uma família unida pela afeição, em torno de sólidos princípios de vida e de educação. Um pai, uma mãe, uma irmã e três irmãos que tomam conta dele, o caçula querido. Contudo, esses trunfos podem se revelar insuficientes. Varraud sabe bem disso: “São sempre os errados que atraem os outros”. Zidane é certinho, mas mora num bairro difícil.

Ele tem um ar despreocupado, conversando tranqüilamente com seus colegas de equipe, na serenidade de um pós-partida tranqüilo. Ele ignora que seu futuro está para ser posto em jogo. É preciso se apossar dele imediatamente. Alain Lepeu, treinador dos garotos do Septèmes, propõe uma reunião duas semanas depois, após o recesso de Natal.

— Venha falar conosco no dia 11 de janeiro. Vamos jogar em Saint-Raphaël.

No caminho de volta, em seu LN que leva feridos para as clínicas, crianças para os estádios e futuras vedetes para seu destino, Jean Varraud diz a si mesmo que descobriu um garoto com um grande potencial.

Os grandes jogadores são raros. Os grandes recrutadores são ainda mais raros. Varraud faz parte deles.

Antigo jogador da Associação Esportiva de Saint-Etienne, ele integrou o grupo dos profissionais desde os 17 anos. Instalou-se em Cannes em 1941, bem diante do lendário estádio dos Hespérides, depois substituído pelo Coubertin. É dono de um cinema, o Vox, há várias décadas. Mas o futebol é sua paixão. De maneira benevolente, depois de uma carreira de jogador interrompida pela guerra de 1939-1945, tornou-se treinador e, depois, recrutador. Desde então, nunca mais deixou essa ocupação — com uma pequena sutileza de vocabulário: “Eu não recuto; eu me reforço.” Apesar de ter transformado em comércio a indústria do sonho, este homem digno e educado, sensível e lúcido, não possui um espírito mercantilista. Ele não é um traficante de almas. Inteiramente devotado ao AS Cannes, propõe ao clube elementos destinados a integrar “a equipe da bandeira do clube”. Sua maneira de se relacionar com as pessoas, sua gentileza e sua simplicidade muitas vezes já lhe permitiram atrair jogadores que, por razões geográficas ou puramente esportivas, deveriam, pela lógica, assinar contratos em outros lugares.

Os torneios de juniores constituem seu campo de ação, remetendo-o à sua infância em Saint-Étienne, quando a bola era a companheira de todos os dias. O talento puro, ainda não refreado pela experiência, desabrocha em todo seu esplendor. Ainda falta observar o bom jogador, avaliar seu ritmo de evolução, sua capacidade de evoluir até o mais alto nível. Jean Varrau observa, sente... Por tê-lo praticado, ele conhece bem o futebol. Por tê-la enfrentado, conhece a arte dos grandes jogadores, como Max Charbit ou o iugoslavo Ivan Beck, atacante da grande equipe do Sète, depois do Saint-Étienne, e autor de três gols contra o Uruguai por ocasião da primeira Copa do Mundo. Contudo, a experiência não busca necessariamente a sutileza de percepção. Nos estádios em que pousa seu olhar afiado, por vezes observa as partidas em companhia de antigos jogadores da equipe nacional. Alguns acreditam que podem descobrir um gênio potencial em um desempenho medíocre; outros ignoram ou subestimam uma esperança que acaba por se desintegrar. Ele, que nunca foi profissional, tem uma visão precisa e clara. Jean Fernandez, o treinador dos profissionais do Cannes, assim como Gilles Rampillon, seu diretor técnico, têm plena confiança nele.

Jean Varraud não recruta adultos, mas apenas jovens aptos a se tornarem profissionais. Esse o surpreende, como raras vezes já aconteceu.

— Eu vi um garoto... Ele tem as mãos no lugar dos pés!

De volta ao clube, Varraud revela ao secretário-geral, Gilbert Chamonal, sua descoberta de Aix em Provence. Sempre surpreso pelo pouco interesse demonstrado por seus pares, ele quer tornar a ver rapidamente o jovem jogador para, eventualmente, propor-lhe um estágio.

No dia combinado, em Saint-Raphaël, ele comparece pontualmente ao encontro. Rampillon o acompanha. Homem delicado, jogador sutil e antigo participante da seleção nacional, ele também começou no futebol profissional com 17 anos, no FC Nantes, onde se destacou por sua visão de jogo e por sua técnica — dois componentes primordiais do talento. É como especialista, portanto, que vai observar o jovem marseelhês. Mas Zidane não joga em sua posição habitual, como meio-de-campo ofensivo. O treinador do Sepètmes vem se desculpar com os supervisores de Cannes. Para contornar um problema com seu efetivo, é obrigado a fazê-lo jogar como líbero.

Nessa posição, como último elemento da defesa, o menor erro pode ser fatal. Isso acaba acontecendo com um drible arriscado contra o adversário, que aproveita a ocasião para marcar um gol. O Saint-Raphaël deixa tudo igual no placar. O jogador fica consternado, já que nada mostrou de sedutor aos dois observadores, com exceção de alguns gestos. Mas sua atuação em breve não passará de uma anedota.

O Septémois ganha por uma diferença de dois gols, por 3 x 1, mas perde um de seus jogadores: como combinado, ele tornará a se juntar a eles uma semana depois, depois de seu estágio. Ele sobe a bordo do Mercedes de Gilles Rampillon. O destino é Cannes.

Dois anos e meio depois do torneio Claude-Roux, Zinedine pisa novamente no gramado do estágio Maurice-Chavalier, para um estágio de uma semana. Surgem, então, as primeiras constatações. Suas possibilidades são avaliadas. Algumas carências são observadas. É preciso trabalhar as jogadas de cabeça, submeter-se, com a maior frequência possível, a todos os exercícios necessários. Também é preciso trabalhar a técnica, a tática, o físico. Mas o essencial está lá: esse incrível talento para tocar a bola com os pés, esse jogo mágico; se receber a devida atenção, esse rapaz alto vai desabrochar.

Como é que os recrutadores não se deram conta disso? A pergunta é repetida diariamente.

Jean Fernandez ficará seduzido logo de cara. Depois que os profissionais terminam uma partida-treino, Jean Varraud o convoca para ver uma partida dos juniores.

— Venha ver o rapaz que eu trouxe.

Fernandez hesita. Ele acabou de sair de uma partida cansativa, tem trabalho a fazer e preferiria deixar para depois esse convite. Mas se trata de alguém que despertou o entusiasmo de Varraud.

— Venha! Você vai ver..

O recrutador insiste. Fernandez vai com ele até o campo Mûriers 3, no complexo do Coubertin. O jovem jogador em questão se encontra na zona central desse campo sem grama. Ele recebe uma bola alta e a controla no peito. Com facilidade. Com uma grande facilidade.

Fernandez, que não é nenhum neófito, fica impressionado. Fica mesmo estupefato. Depois desse lance, ele fica vinte e cinco minutos na beira do campo. E logo percebe as carências e as qualidades desse virtuose de aparência frágil.

Por que os recrutadores não viram nada nele?

Pierre Ailhaud, o treinador dos garotos do Cannes, deve responder a uma outra pergunta. A que lhe fazem os que descobrem, atônitos, a destreza desse estagiário novato: “Mas quem é esse jogador?” Um por um, todos vêm perguntar-lhe a mesma coisa.

Um dirigente, de passagem, também manifesta sua admiração.

— Esse garoto do juvenil é bom!

Ele é bom, mas ainda não do juvenil. É apenas um novato.

Mas é precoce. Todos o admiram, em termos esportivos e humanos. Ele confirma, a cada toque de bola, tudo aquilo de positivo que se fala dele. Sabe ser audacioso, como durante essa partida de seis contra seis e disputada em metade do campo. Os gols são pequenos, mas não o bastante para impedir a entrada de um tiro distante, chutado do meio da área! A bola encobre o goleiro e acaba no fundo da rede. Esse lance difícil, que necessita de rapidez de visão e de execução, revela um grande senso de improvisação, uma habilidade rara.

O recrutamento parece certo. O treinador Chaly Loubet, antigo jogador do Cannes, ex- membro da seleção francesa, grande figura do clube, telefona para o Septèmes. Sua opinião é inequívoca:

— Ele nos interessa. Tem qualidades de base realmente superiores à da média dos jogadores.

Falta convencer o clube do interessado e sua família. Mais decidido que nunca, Jean Varraud pede a um funcionário municipal, Daniel Delsalle, que defenda a causa do Cannes junto a Loïc Faton, um dirigente do Septèmes que ele conhece desde criança. Os trâmites são supérfluos. De volta à região marsehesa com seu estagiário, Gilles Rampillon não demora muito a ser convencido.

Perto do campo de terra batida do SOS, numa manhã de sábado, a acolhida é calorosa. O presidente, o secretário-geral e o treinador do clube estão reunidos com Smail, o pai de Zidane, para evocar o futuro.

Não se fala de dinheiro. O pai faz a pergunta que todo mundo estava esperando:

— Sr. Rampillon, o senhor acha que ele pode se transformar em jogador profissional?

Como sempre, quando é assim questionado, o treinador se mostra prudente. Ele prefere insistir na necessidade de continuar com uma escolaridade normal, paralelamente à formação futebolística. Ele conhece bem a importância dos fatores psicológicos e fisiológicos, os imprevistos da adolescência, para se mostrar categórico. E retoma o argumento que Maurice Desvignes, diretor de estudos do clube de Cannes, com frequência resume numa frase: “Nós queremos que os estagiários não se arrependam de haver cruzado a porta do centro de formação” — ou seja, e principalmente, mesmo em caso de insucesso.

Gilles Rampillon expõe uma quase certeza: o AS Cannes, que evolui para a Segunda Divisão, vai encontrar a elite. Ele acredita nisso firmemente, embora o fim do campeonato ainda esteja longe. Se a equipe chegar lá, o clube incrementará seus investimentos em formação — já está previsto que a escola de futebol do Cannes aumente seu efetivo em cinquenta por cento —, e maior confiança será depositada nos jovens jogadores. Estes poderiam, assim, ter a oportunidade de começar a carreira diretamente no nível mais alto.

O discurso é claro, sem promessas ilusórias. Sedutor.

Jean Varraud tem outro argumento decisivo: uma mochila. A de Zinedine. Uma mochila cujo conteúdo não são as roupas sujas que se espera ver ao final de uma semana que um garoto passou longe de casa. Tudo está perfeitamente limpo e arrumado! E isso graças a uma mãe de família que se dispôs a receber o estagiário: Nicole Élineau. Um nome que vai se transformar em tranquilizante.

Embora Cannes esteja próximo de Marselha, tanto em termos de distância quanto de clima, Smail e sua esposa Malika só deixarão que seu filho parta com uma condição: depois de encontrar uma família que o acolha. A seus olhos, nada substitui o ambiente familiar, tão importante e caloroso entre os Zidane. Nada. Nem mesmo um centro de formação. De qualquer modo, o AS Cannes não possui tal centro; na verdade, o centro existe, mas não há nenhum edifício específico destinado a abrigar os aprendizes profissionais.

Várias semanas se passam antes da assinatura do contrato de não-solicitação, pelo qual é garantida ao AS Cannes uma prioridade de recrutamento. A

mãe, na verdade, só dará seu consentimento depois de resolvida a questão da hospedagem. Solução evidente: a família Élineau, tão simpática e devotada, acolherá Zinedine.

Jean Varraud foi falar com Jean-Claude, o marido de Nicole.

— Você quer hospedar um rapaz na sua casa?

Querer, ele quer. Mas poder... Os Élineau têm três filhos. Eles já hospedam um estagiário, Amédée Arnaud. A casa só tem três quartos. E, nesse caso, não se trata de apenas uma semana, mas de um ano inteiro.

Contudo, acabam aceitando. Eles já gostam de Zinedine — a ponto de tratá-lo como os de sua família: sem jamais chamá-lo pelo nome de batismo.